

*The Lancet*, 1998, v. 352: 1049-1060

## O estigma da doença mental

O número 9133 da prestiosa revista médica *The Lancet*, de setembro de 1998, traz uma coletânea de artigos especialmente dedicada a debater o estigma da doença mental.

Em um texto de introdução, a doença mental é apresentada como uma entidade de enorme prevalência no Reino Unido, causando grandes sofrimentos e prejuízos. Apesar de sua grande frequência, os mitos que a cercam ainda persistem e a estigmatização complica ainda mais o estado desses indivíduos.

A articulista se coloca a questão: "por que a doença mental é motivo de estigmatização?", ao que responde: "O medo é um fator". Os doentes mentais podem ser percebidos como perigosos e os relatos disseminados pela mídia dos raros episódios violentos envolvendo esses indivíduos terminam por reforçar uma atitude de suspeita.

Um elemento de culpabilidade pessoal do paciente na causação da doença é outra percepção comum, a qual levaria à crença de que o tratamento seria ineficaz e mesmo inapropriado. Além disso, as dificuldades de comunicação e a não-produtividade social de tais indivíduos aumentariam a tendência à discriminação.

O texto postula que tais tendências e visões poderiam ser modificadas pela ação coerente de certas políticas de saúde.

Uma campanha anti-estigma de cinco anos de duração está sendo lançada no Reino Unido pelo Royal College of Psychiatrists e está em sintonia com iniciativas semelhantes que vêm sendo tomadas no mundo inteiro, inclusive com a participação da World Psychiatric Association.

A autora acrescenta que a doença mental não precisa ser necessariamente uma experiência negativa. Ligações com a criatividade e a genialidade têm sido feitas. Algumas das pessoas que têm escrito sobre suas próprias doenças mentais têm enfatizado o lado positivo, principalmente nos estados maníaco-depressivos.

É lembrado o fato de que Kay Redfield Jamison, em seu famoso livro *An Unquiet Mind*, no qual relata sua experiência como paciente maníaco-depressiva, conclui dizendo que se lhe fosse possível optar, ela teria preferido ter sua doença do que nunca tê-la tido, embora ressalte que talvez sem o lítio ela nunca teria se

permitido tal luxo. Por quê? “Porque eu senti mais coisas, mais profundamente, tive mais experiências, mais profundamente; amei mais e fui mais amada...”

O artigo seguinte, assinado por Roy Porter, coloca a questão de se o estigma da doença mental pode ser mudado. O autor assinala que, em alguns casos para se diminuir o estigma, vários álbis médicos foram tacitamente negociados entre profissionais e pacientes. O mais freqüente era um acordo de cavalheiros segundo o qual a queixa era física, de acordo com o modelo médico pressuposto de que a doença somática seria uma “doença real”. Com isso, o paciente não teria do que se envergonhar.

O Dr. Porter afirma, em seguida, que não é uma grande vitória no sentido da desestigmatização o fato de se reclassificar os transtornos mentais como doenças orgânicas, e que seria desejável erradicar todos os julgamentos de valor de todas as doenças em seu conjunto. Retomando os escritos de Susan Sontag sobre a visão social das doenças, ele sustenta que as doenças são carregadas de um valor moral por que, para aliviar a angústia de se enfrentar o não-sentido do adoecer, o homem atribui seu aparecimento a uma disposição maligna da qual o sujeito, de alguma forma, seria responsável. O artigo termina pela advertência de que se desejarmos erradicar o estigma da doença mental, não poderemos simplesmente deixar essa tarefa apenas nas mãos dos médicos.

A série de artigos completa-se com outros nove trabalhos que abordam o tema sob diferentes perspectivas que vão desde a discussão das políticas de saúde mental na Grã-Bretanha, passando pela discussão de estigmas específicos como os que dizem respeito à depressão, até uma instigante análise das variações culturais na estigmatização das doenças mentais.

“Epistemology”  
Panel Reports

*International Journal of Psycho-Analysis*, 1998, 79: 1213-1216

## Epistemologia da psicanálise

O *International Journal of Psycho-Analysis* traz o relato de um importante painel realizado no 40º Congresso da International Psychoanalytical Association

realizado em Barcelona, em julho de 1997, intitulado “Epistemologia”.

A primeira painelistas foi a doutora Patricia Kitcher, da Califórnia, que procurou defender a metapsicologia freudiana contra os epistemólogos que a vêem como não-empírica. Seu trabalho conclui que “o que é bom na metapsicologia de Freud – e que freqüentemente é esquecido em outras teorias – é o reconhecimento de que a mente humana tem tanto uma base física quanto é um macrofenômeno enormemente complexo que necessita ser explicado nesse nível.”

Em seguida, Cornelius Castoriades, de Paris, sublinhou que certos preconceitos e idéias errôneas caracterizam o pensamento dos críticos da psicanálise que a consideram uma teoria inviável da mente. Eles atacariam Freud em três frentes: 1) sua teoria constituiria um sistema fechado; 2) ele lidaria com um mundo de objetos, enquanto a ciência iria além dos objetos para explicar os fenômenos naturais e 3) não haveria contradição para a teoria freudiana.

Castoriades considera todas essas críticas incorretas. Sua apresentação procurará sustentar as bases da refutação a essas críticas: 1) Freud concebeu tanto a interpretação dos sonhos como a escolha da neurose como questões abertas 2) a ciência não pode explicar todos os fenômenos da natureza e freqüentemente lida com elementos que não têm existência concreta e 3) por não permitir reprodutibilidade ou experimentação controlada, a psicanálise não pode ser avaliada pelos critérios da ciência comum, mas através da construção de um outro plano de racionalidade através da teoria do inconsciente.

Finalmente, Eduardo Issaharoff, de Buenos Aires, sustenta, juntamente com Castoriades, que a abordagem positivista não é suficiente para explicar os fenômenos mentais. Contudo, ele é mais pessimista quanto à possibilidade de acharmos uma linguagem adequada para exprimir as teorias psicanalíticas, ainda que seja através da metapsicologia, pois a linguagem será sempre ambígua.

Ele propõe que seja desenvolvida a tarefa de se compreender os fenômenos mentais através do uso dos conhecimentos de diversas disciplinas. Mas fazendo isso, deve-se distinguir o que é científico daquilo que não o é.